

CRUZANDO FRONTEIRAS: ENTRE O RURAL E O URBANO, O FAZER GUASQUERÍA NO BRASIL, URUGUAI E ARGENTINA, SÉCULOS XX-XXI

JULIANA PORTO MACHADO¹; RONALDO BERNARDINO COLVERO²

¹Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Material (UFPEL) –

julianamachado209@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) –

rbcolvero@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um breve recorte da tese que está em fase de desenvolvimento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL). Todavia a guasquería pode ser compreendida como um ofício artesanal realizado especialmente por sujeitos sociais que estão relacionados ao saber-fazer de práticas campeiras. Principalmente as ligadas a figura do cavalo, uma vez que, os aparatos de montaria como selas, cordas, freios, rebenques e outros são feitos com couro-cru a matéria prima da guasquería. Os sujeitos praticantes deste ofício são chamados de guasqueiros no Rio Grande do Sul (Brasil) e de guasqueros, sogueros e tranzadores na Argentina e no Uruguai.

Seus produtores criam peças em couro cru, utilizando principalmente a técnica de tentos¹. De acordo com Flores (1960) o guasqueiro deve aprender a tirar um tento para seguir no ofício, para ele essa fase é muito importante pois é a partir do tento que se inicia o processo de elaboração da obra. Segue uma estrutura dorsal que se apresenta como: a obtenção da matéria-prima (o couro-cru animal, principalmente de bovinos) inicialmente através da chamada carneada, o estaquear o couro para secar ao sol, o lonquear de retirar os pelos da pele, o cortar as guascas (tiras de couro), o sovar as guascas para amaciar e por fim tirar os tentos (as tiras de couro de diferentes espessuras) para assim produzir as tranças. Etimologicamente a origem do termo guasquería é derivado da palavra espanhola *huasca* originária do dialeto quéchua² de origem inca, significando tira de couro (DLE, 2017).

Essa manifestação cultural, está fortemente relacionada com o trabalho no campo e com a figura do peão. A introdução do gado vacum na América latina através dos colonizadores europeus, principalmente os espanhóis e portugueses no século XV, marcam o surgimento da guasquería. Consequentemente, com abundância desses animais esse gado acaba tornando-se importante economicamente aproveitando-se a carne e principalmente o couro. No século XVII as fazendas ganham espaço e o gado passa a ser domesticado. Surgindo assim a necessidade de instrumentos equestres para auxiliar no manejo desses animais, principalmente para o peão que cuidava da atividade campeira. Por conseguinte, de acordo com Garcia (2009), com o abate dos animais para a comercialização de carne, o couro começa a ser utilizado para atender essa necessidade de objetos equestres, momento em que os peões começam a criar

¹ A técnica de tentos de acordo com Flores (1960) pode ser definida como a utilização de tiras finas de couro utilizadas para fazer trançados.

² Língua ameríndia utilizada pelos antigos quéchua, tribo indígena localizada no território do atual país do Perú (DLE, 2017).

cordas, freios, boleadeiras, rebenques e outros aparelhos em couro-cru. Assim surge o guasqueiro.

Na campanha sempre existiram os guasqueiros, os homens que do couro cru fazem verdadeiras obras-primas nas tranças, nos passadores, nos botões de tento fino e em muitos trabalhos que exigem muita paciência, muito boa memória para saber resolver de cor os intrincados da trama dos tentos, que é um verdadeiro quebra-cabeça. (NUNES 1982 apud ALVARES, 2014, p. 17).

Então o guasqueiro seria esse sujeito que cria manualmente novos objetos e/ou conserta objetos de uso cotidiano do trabalho do campo. Dominando o saber fazer de um ofício, para desenvolver suas próprias técnicas. A guasquería está ligada ao serviço do peão, as peças então são instrumentos de montaria, em uma sociedade em que a pecuária é ainda uma produção econômica forte (NUNES, 1982).

Todavia as regiões focos desta pesquisa (Jaguarão/BR- Rio Branco/UY, São Borja/BR-São Tome/ARG e Paysandu/UY-Colón/ARG) são localidades que estão em um continuo processo de trocas socioculturais, movimento esse realizado principalmente por meio da sociedade civil, mesmo com as restrições governamentais, ocorre essa manifestação. A fronteira só passa ter representatividade quando os intercâmbios socioculturais são cooperados, negociáveis em um sentimento de fraternidade como declara o autor precitado, originando a integração fronteiriça de fato, e não a imposta na legislação. Fato importante para compreendermos a mobilidade do saber-fazer guasquería entre as regiões foco. Assim os objetivos deste trabalho é desenvolver uma análise comparativa das produções de artesanato em couro cru, guasquería, em zonas fronteiriças (Brasil-Argentina-Uruguai) no século XX-XXI, principalmente em relação ao saber-fazer rural em meio ao contexto urbano e sua influência no desenvolvimento econômico de cada país. E identificar aspectos comuns e especificidades do saber-fazer guasquería nas zonas de fronteira de cada país, como determinar o peso de fatores tais como a geografia e a história no decorrer da trajetória da produção de guasquería, observar padrões de integração no modo de fazer guasquería na cultura transfronteiriça com base no estudo comparativo dos três casos, para assim, compreender a produção e reprodução dessa prática artesanal em couro cru.

2. METODOLOGIA

Para desenvolver uma análise comparativa das produções de artesanato em couro cru, guasquería, em zonas fronteiriças utilizar-se-á pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória devido a formulação de questões sobre tema ainda pouco explorado, com método de entrevistas semiestruturadas para a coleta de informações. A realização deste tipo de pesquisa permite aumentar a familiaridade do pesquisador com os fatos, contribuindo para um maior entendimento do problema. Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa qualitativa exploratória deve ser pensada como um mecanismo que permitirá melhor acesso na observação e compreensão dos processos da guasquería, a coleta de dados terá como base a entrevista semiestruturada orientada por tópicos, como: (a) as necessidades e motivações que fizeram com que esses sujeitos sociais se dedicarem a essa prática (b) a descrição do processo de aprendizagem do saber-fazer guasquería; (c) a narrativa da história pessoal e da relação com o espaço rural e urbano em zona de fronteira; (d) a valoração do fazer guasquería do ponto de vista do guasqueiro e de representantes das políticas públicas; (f)

como essa produção artesanal influencia na identidade/autoafirmação desses sujeitos e (g) no compartilhamento sensível do saber fazer. facilitando a interpretação dos fatos por diferentes ângulos. Além da criação de um banco de dados das análises das políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do artesanato nos três países. O trabalho empírico a se realizar terá como campo de estudo nove guasqueiros de produção em couro cru, das regiões fronteiriças, sendo três representantes de cada região, em um recorte temporal entre século XX-XXI.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa por estar em fase inicial apresenta apenas o suporte bibliográfico, no entanto podemos destacar que a guasquería é um tema de investigação singular, existem poucos estudos históricos e descritivos sobre esse ofício secular. As pesquisas referentes a esse assunto se esgotam em análises sistemáticas, que registram apenas as bases de produção como algo secundário, caracterizando a guasquería, apenas como uma prática utilizada pelos peões de estância, porém, em nenhum momento é observado o caráter imaterial desse ofício. O guasqueiro poucas vezes é mencionado, tornando-se uma figura acessório, seu saber-fazer, sua forma de compartilhamento, sua tradição e identidade acabam não sendo aprofundadas e passam despercebidas. A ligação guasqueiro e peão não é um fator negativo, ao contrário é um dos elementos de importância nesta pesquisa. Visto que, o sujeito que pratica a guasquería está interligado com um passado de trabalho no campo como peão ou campeiro, de uma infância nesse meio e que por diversos motivos o fizeram fixar-se no espaço urbano, causando um relativo distanciamento de contextos.

Esses sujeitos seguem praticando um ofício que tinha como função principal suprir suas necessidades de materiais de trabalho enquanto eles eram peões, logo, não praticam mais a guasquería para consertar suas cordas, mas para a comercialização de materiais dessa linha (como rédeas, laços, freios, cabeçadas, boleadeiras, maneias e outros). Por conseguinte, destaca-se o vínculo entre o autoconhecimento de se identificar como guasqueiro e artesão. E no problema que isso pode acarretar na produção desses sujeitos. A não identificação do guasqueiro em se reconhecer como artesão pode dificultar o acesso as políticas públicas. No entanto, A classificação da guasquería de ser artesanato, e todos aqueles que a praticam serem artesãos como delimita a carteira do artesão distribuída por órgãos públicos como prefeitura, induz os sujeitos que praticam esse ofício a se identificarem como artesãos, essa ação pode causar ao guasqueiro um conflito identitário de afirmação.

Outro ponto de relevância é a ligação homem e animal, em que esses sujeitos tem como principal matéria-prima o couro cru animal, e essas obras em sua maioria são voltadas para ser aparato de equinos. Esse é outro pouco explorado em relação a guasquería. Assim como a relação homem e objeto. Para tanto, uma análise comparativa das produções em áreas de fronteira da tríade Brasil-Uruguai-Argentina permite um maior aprofundamento das ações das políticas públicas em prol da guasquería, existência ou não desse movimento de reconhecimento desse saber-fazer, para um maior desenvolvimento dessa atividade. As técnicas de criação desses objetos possuem similaridades em sua base, nos passos de I) obtenção da matéria-prima principal o couro cru II) tratamento do couro, estaquear e secar III) retirada dos pêlos do couro, lonquear IV) cortar as loncas, tiras de couro V) sovar, amaciando o couro VI) tirar tentos, tiras finas de couro e VI) trançar.

4. CONCLUSÕES

Como mencionado anteriormente, a pesquisa se encontra em sua fase inicial e por isso não apresenta conclusões. Então, podemos tratar a guasqueria como o saber-fazer que apesar da delimitação física da fronteira mantém a mesma técnica tradicional de trabalhar o couro-cru. Logo, surgem questionamentos, essa base de produção da guasquería se modifica quando um guasqueiro começa a trabalhar com couro industrializado? A introdução do couro branco no mercado possibilita a criação de mais peças em um período de tempo menor, no entanto, todo o saber-fazer de trabalhar o couro cru é desnecessário quando utilizado essa matéria prima, assim com esse novo material aquele guasqueiro que produz com ele deixa de ser guasqueiro? O que caracteriza um sujeito ser guasqueiro? Quais as similaridades concretas da produção e reprodução de guasqueria em regiões fronteiriças? A diferenciação de guasqueiro e artesão interfere na identidade do sujeito e consequentemente em sua obra? Quais os fatores que fizeram com que esse ofício se mantenha no contexto atual nas regiões pesquisadas? Quais os fatores que influenciaram na falta de materiais históricos escritos especificamente sobre esse saber-fazer? Esse caso de não identificação de artesão ou guasqueiro ocorre com os guasqueiros do Uruguai e da Argentina? Esses questionamentos abrem um leque de situações que podem ser pensadas ao pesquisar sobre guasquería.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARES, Fabiano da Costa. **Valorização dos Aspectos Formais dos Artefatos Confeccionados por Guasqueiros do Pampa Gaúcho Aplicados a Joalheria.** Santa Maria: UFSM, 2014.

DLE. **Diccionario online de la Real Academia Española.** Acesso em: 10 de maio de 2017 Disponível em: <http://dle.rae.es/>

FLORES, Luis Alberto. **El Guasquero:** Trenzados Criollos. Buenos Aires: Cesarini Hermanos, 1960

GARCÍA, Rocío. **De la yerra a la Vitrina: Transformaciones contemporáneas de la guasquería.** Montevideo: Trama Revista de Cultura y Patrimonio. ano 1, nº 1, setembro 2009